

# Bolsonaro completa mil dias de governo hoje

**CELEBRAÇÕES** O presidente Jair Bolsonaro completa hoje mil dias de governo. As celebrações ocorrem em meio a uma acentuada crise econômica, queda na popularidade de Bolsonaro e diante a um cenário pós-manifestações pautadas por ameaças antidemocráticas. Dentro do governo, há uma tentativa de reação para tirar Bolsonaro das cordas. Será feita uma grande celebração nos próximos dias, organizando eventos em todas as regiões do país. O presidente participará de todas essas "festas" de forma presencial ou virtual, comunicando-se por telões.

Nesta semana, essa agenda alusiva aos mil dias inclui uma série de viagens pelo país para a inauguração de obras. A primeira região a ser visitada deve ser o Nordeste, seguida por estados da região Norte. Na Bahia, por exemplo, Bolsonaro deve inaugurar obras em 10 km de estradas. Mas não só.

O ministro das Comunicações, Fábio Faria, por exemplo, fará evento em Pau dos Ferros, no Rio Grande do Norte, hoje, liberando sinal de TV digital com mais canais e melhor imagem. Depois, ao lado do ministro da Cidadania, João Roma, vai inaugurar obras da Funasa no estado no valor de R\$ 9,67 milhões. Todos os ministros foram orientados a fazer "entregas" ao longo de toda a semana.

Além disso, outro ponto da estratégia é turbinar programas sociais, como forma de tentar reverter o desgaste da imagem presi-

**Inflação em alta, com aumento dos combustíveis, da luz e do gás, e o desemprego, têm afetado a popularidade do presidente**

dencial junto às populações mais vulneráveis. Nesse sentido, o pagamento do Auxílio Brasil - substituto do Bolsa Família - tem papel central, pelo seu repasse de recursos.

Há razões de sobra para o governo investir nesse ponto. A pesquisa Desigualdade de Impactos Trabalhistas na Pandemia, coordenada pelo diretor da Fundação Getúlio Vargas Social (FGV Social), Marcelo Neri, publicada este mês, aponta que o maior impacto, na pandemia, tem sido sobre os mais pobres. "A renda individual média do brasileiro, incluindo informais,

desempregados e inativos, encontra-se hoje -9,4% abaixo do nível do final de 2019. Na metade mais pobre, esta perda de renda é de -21,5%, configurando aumento da desigualdade entre a base e a totalidade da distribuição."

De acordo com a pesquisa, a queda de renda entre os 10% mais ricos foi de 7,16%, menos de 1/3 da queda de renda observada na metade mais pobre. "O grupo do meio entre os 50% menos e os 10%, uma espécie de classe média no sentido estatístico, teve queda de renda de 8,96%", diz o trabalho.

